



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **22/07/2018**

Aprovado em: **28/07/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.04.33>

BULLYING E SURDEZ: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO PSICOSSOCIAL POR JOVENS
UNIVERSITÁRIOS SURDOS

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

MIRIAM SANTOS PRESCINCA CORREIA, JOILSON PEREIRA DA SILVA

RESUMO:

Este trabalho irá tratar do Bullying como um fenômeno violento presente nas relações sociais vividas por pessoas surdas. A surdez será apresentada como a principal característica diferenciadora do indivíduo alvo de Bullying, sendo o nosso principal objetivo: conhecer os recursos psicossociais deste indivíduo no enfrentamento do Bullying. Este estudo foi realizado com base no relato de experiências vivenciadas por 10 jovens universitários surdos, que sofreram Bullying na infância e/ou na adolescência. Foram realizadas dez entrevistas semiestruturadas, utilizando-se a Análise de Conteúdo de Bardin para a análise dos dados e a definição de quatro categorias: Representações acerca do Bullying; Principais contextos e frequência das agressões aos/as surdos/as; Consequências do Bullying na vida dos/as surdos/as e Estratégias de enfrentamento do Bullying.

PALAVRAS CHAVES: Bullying. Preconceito. Surdez. Violência.

RESUMEN:

Este trabajo trata del Bullying como un fenómeno presente en las relaciones sociales vividas por personas sordas. La sordera es presentada como la principal característica distintiva del individuo que es blanco de acoso. Nuestro primordial objetivo es: conocer las herramientas psicossociales que ese individuo posee para el enfrentamiento del Bullying. Este estudio fue realizado a partir de los relatos sobre experiencias vividas por diez jóvenes universitarios sordos que sufrieron maltrato durante la niñez y la adolescencia. Fueron hechas diez entrevistas semiestruturadas utilizando el análisis de contenido de Bardin para analizar los datos e para la definición de estas cuatro categorías: representaciones acerca del Bullying; principales contextos y frecuencia de agresiones contra los sordos; consecuencias del maltrato sobre la vida de los sordos y las estrategias para confrontar el Bullying.

PALABRAS-LLAVE: Bullying. Prejuicio. Sordera. Violencia.

SUBSTRACT:

This paper deals with Bullying as a violent phenomenon present in the social relationships of deaf people. The deafness is presented as the main distinguishing characteristic of that individual who is goal of injuries. Our principal aim is: to know the psycho-social tools that the deaf person disposes to confront the Bullying. This study was realized based on the report of experiences lived by ten young deaf college students, who were bullied during the childhood and teenage. Ten semi-structured interviews were done using content analysis according to the model of Bardin to analyze data and to set these four categories: representations on the Bullying; main contexts and the incidence of aggression against deaf people; bullying consequences in the life of deaf people and strategies to confronting the Bullying.

KEYWORDS: Bullying. Prejudice. Deafness. Violence.

INTRODUÇÃO

A intolerância às diferenças que fazem parte das características de outro indivíduo sejam elas étnicas, culturais ou de classe tem sido uma das principais causas motivadoras de atos violentos expressados através agressões físicas, verbais, psicológicas e sociais. É claramente perceptível que o nosso meio social está cada vez mais permeado de relações conflituosas em casa, na escola, no trabalho, ou no bairro, sem exceções de faixa etária. Os espaços e grupos em que a violência está presente são

numerosos, o que tem tornando possível sua problematização por diversas áreas do conhecimento científico.

Este trabalho irá tratar do Bullying como um fenômeno violento presente nas relações sociais entre surdos durante a infância/adolescência. Veremos mais adiante a definição deste termo, um breve histórico dos estudos acerca do tema, bem como sua classificação e principais consequências. A surdez será apresentada como a principal característica diferenciadora do indivíduo vítima do Bullying. Veremos então como a cultura e identidade surda devem ser reconhecidas, de maneira a valorizar o surdo e sua língua, possibilitando que eles estejam cada vez mais presentes em todos os espaços do nosso cenário sociocultural.

Através de uma entrevista semiestruturada, jovens universitários compartilharam suas experiências no que se refere à intolerância ao fato de serem surdos, expressando seus sentimentos e estratégias de enfrentamento. Através deste instrumento o nosso principal objetivo é conhecer os principais recursos psicossociais deste grupo no enfrentamento ao Bullying sofrido. Além disso, pretendemos também identificar os principais tipos de agressões; os principais contextos onde elas ocorrem e identificar as principais consequências do Bullying na vida das vítimas.

1. BULLYING: CONCEITOS, HISTÓRICO E CLASSIFICAÇÕES

Bullying é o termo em inglês, utilizado em vários países, que se refere ao desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e coloca-la sob tensão, gerando comportamentos agressivos e de exclusão. Outros termos também são utilizados, alterando-se conforme a língua do seu país, como: *Mobbing* na Noruega e Dinamarca; *Mobbning* na Suécia e Finlândia; *Harcèlement quotidien* na França; *Prepotenza* ou *bullismo* na Itália; *Yjimes* no Japão; *Maus-tratos entre pares* em Portugal e por diante (FANTE, 2005, p.27). É interessante perceber que no Brasil, ainda não houve uma adaptação do termo para a língua portuguesa. Aqui, adotamos o termo em inglês utilizado na maioria dos países: *bullying*. Ainda segundo a autora Fante (2005, p.28) enquanto fenômeno, este termo representa um conjunto de comportamentos agressivos, de natureza repetitiva em desequilíbrio de poder em relação à vítima que não tem condições de se defender. Desta maneira o agressor transforma o indivíduo mais frágil em um objeto de diversão e prazer, pois na maioria das vezes as agressões ocorrem de maneira disfarçada, através de “brincadeiras”. Tornando-se assim, imperceptíveis por quem está ao redor ou ainda desconsideradas como atos de ofensa ou violência pessoal (FANTE, 2005, p.29).

Os primeiros estudos sobre *bullying* começaram na década de 1970 na Suécia e foram se expandindo pelos países escandinavos e aos poucos por toda Europa. Na Noruega, após o trágico episódio da morte de 3 crianças entre 10 e 14 anos em decorrência de maus tratos pelos colegas da escola, levou o ministério da educação norueguês a fazer uma campanha nacional acerca do problema. O pesquisador da Universidade de Bergen Dan Olweus foi o primeiro a desenvolver os critérios para identificar a ocorrência do bullying, através de uma pesquisa com cerca de 84 mil estudantes, mais de 300 professores e cerca de 1.000 pais, para avaliar a natureza e ocorrência do fenômeno, Olweus verificou que 1 em cada 7 alunos estava envolvido em casos de bullying. Isto levou o governo norueguês a investir em uma campanha que reduzir em 50% os casos nas escolas. Influenciando, inclusive países como Reino Unido, Canadá e Portugal (FANTE, 2005, p.45). Infelizmente, no que se refere aos países europeus, o Brasil está como pelo menos 15 anos de atraso nas pesquisas e na intervenção do bullying. Por isso ainda há poucos indicadores sobre a ocorrência do fenômeno aqui, para que possamos compará-lo a outros países. As primeiras pesquisas no Brasil começaram a ser realizadas em 1997, a primeira pela professora Marta Canfield e seus colaboradores, a segunda pelos professores Israel Figueira e Carlos Neto em 2000-2001 e a terceira pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência – ABRAPIA. Uma pesquisa feita em 11 escolas do Rio de Janeiro com mais de 5.000 alunos, mostrou que 40,5% desses alunos estavam envolvidos com bullying. Estas pesquisas revelaram que o fenômeno está presente em nossas

escolas com um índice muito superior aos apresentados nos países europeus.

O Bullying tem sido classificado em quatro tipos: físico, verbal, relacional e eletrônico. O tipo físico é o de mais fácil identificação, tanto por crianças, quanto por adultos. As ações agressoras são chutes, pontapés, socos, empurrões, bem como roubos de lanche ou rabisco no tema e a tendência é que este tipo de ataque diminua com a idade. Já o tipo verbal caracteriza-se por práticas de insulto como apelidos vergonhosos e humilhantes, comentários racistas, homofóbicos, preconceituosos referentes a diferenças religiosas, físicas, econômico-sociais, culturais e políticas. (BERGER 2007; ROLIM 2008 apud BANDEIRA 2009) O tipo de Bullying relacional é aquele que afeta o relacionamento da vítima com seus colegas, ocorrendo quando uma tentativa de aproximação de alguém é deliberadamente ignorada. Este tipo se torna mais prevalente e prejudicial a partir da puberdade, quando a criança aprimora suas habilidades sociais e a aprovação dos pares se torna essencial (BERGER, 2007; WHITNEY e SMITH, 1993 apud BANDEIRA 2009).

O Bullying eletrônico ou *Cyberbullying* possui características muito diferentes das que foram citadas nos outros tipos. É que as agressões deste tipo não ocorrem pessoalmente, mas por vias eletrônicas. O acesso à tecnologia eletrônica de comunicação tem crescido muito nos últimos anos, criando assim um novo espaço de relacionamento entre crianças e adolescentes. O Cyberbullying ocorre através de e-mails, mensagens instantâneas, salas de bate-papo, redes sociais ou mensagens e imagens enviadas pelo celular. Diferente dos outros tipos, o Bullying eletrônico pode ocorrer a qualquer hora o que pode aumentar no adolescente a percepção de vulnerabilidade. Outro grande problema das agressões virtuais é o anonimato do agressor (KOLWAKI & LIMBER, 2007 apud BANDEIRA, 2009).

O principal contexto em que estamos acostumados a ouvir falar sobre a ocorrência do bullying é nas escolas, sejam elas públicas ou particulares. Mas para Fante (2005), o fenômeno ocorre nos mais variados ambientes sociais onde existem as relações interpessoais, na família, nos bairros, nos condomínios residenciais, em clubes, locais de trabalho, faculdades, asilo de idosos, prisões, etc. Por isso é necessário que haja um despertar e conscientização da gravidade desta realidade a qual todos estamos passivos, em todos os lugares, a todo tempo. Bandeira (2009) coloca que no cenário do Bullying os papéis se dividem entre agressor, vítima/agressor e testemunhas. Este cenário pode ser formado em qualquer ambiente os quais já citados, basta que os indivíduos envolvidos ocupem estes papéis.

Segundo Cantini, (2004) constituindo-se como um espaço de convivência e aprendizagem, a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento das crianças e adolescentes. Proporcionando-os experiências de relações de hierarquia, vivências de igualdade e convívio com as diferenças, que dentre outras terão influência estruturante na formação do indivíduo. É neste ambiente que crianças e adolescentes tem a oportunidade de expandir sua rede de relações para além da família, desenvolvendo autonomia, independência e aumentando sua percepção de pertencer ao contexto social.

Desta forma a escola não pode ser considerada como espaço destinado apenas a aprendizagem formal ou ao desenvolvimento cognitivo. As interações que ocorrem no contexto escolar são caracterizadas pela forte atividade social. (BANDEIRA, 2009). Por isso entendemos que geralmente a escola tem sido o ambiente com maiores incidências de Bullying no Brasil, o que não deve descartar a possibilidade de ocorrência do fenômeno em outros contextos, outrora citados.

Os principais sintomas observados, consequentes do bullying são: baixa auto-estima, estresse, depressão, queda no rendimento escolar, pensamentos de vingança e a própria violência como forma de defesa pode ser desenvolvida no comportamento da criança. Alguns outros sintomas que podem ser identificados nas vítimas de agressões são: enurese noturna, alteração do sono, cefaleia, dor epigástrica, desmaios vômitos, dores nas extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo,

resistência em ir a escola, mau rendimento escolar e atos deliberado de agressão. (LOPES, 2005).

As consequências causadas à vítima pelo agressor são, em alguns casos, extremamente graves podendo até levar o indivíduo ao suicídio. Segundo o jornal *El País* em 1997 a principal causa do suicídio de 766 menores, foram maus tratos físicos e psíquicos (FANTE, 2005, p.46) Um número realmente assustador, mas este índice pode e deve ser impedido de crescer. Há uma enorme carência de políticas públicas voltadas para o combate ao Bullying, sobretudo nas escolas, que se apresentam como principal contexto de ocorrências. Cabe aos pais, educadores, pedagogos e demais responsável pelo desenvolvimento saudável das crianças e jovens, estarem atentos às relações interpessoais que os cercam, identificando os casos de bullying e antes de tudo prevenindo a ocorrência do mesmo, antes que seja tarde demais.

2. IDENTIDADE E CULTURA SURDA

A identidade do sujeito surdo está diretamente ligada a sua forma de comunicação, através de sinais espontâneos ou oficialmente da LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, que é um referente fixo para identifica-lo. Segundo Silva (2010) A oficialização da LIBRAS em abril de 2002 (Lei nº 10.436) surge como um mecanismo de afirmação da identidade e cultura surda, tornando-se simbolicamente uma vitória para esta comunidade (p. 273). Ainda segundo esta autora, o surdo que não domina a língua de sinais enfraquece sua identidade surda e dos demais grupos que ele representa. A partir daí percebe-se o quanto a forma de comunicação através da língua de sinais é um elemento fundamental da construção da cultura surda.

A definição do termo “cultura” é amplamente discutida no campo das ciências sociais, mas para esta pesquisa cabe à compreensão de que a cultura surda está centralizada no seu espaço linguístico, definido pela língua de sinais que caracteriza um grupo específico: os surdos. Para Sá (2006) “cultura” pode ser definida como “um campo de forças subjetivas que dá sentido(s) ao grupo”. A existência de uma “cultura surda” reafirma a existência de uma identidade daqueles que não se comunicam através da fala e adquirem conhecimento principalmente através da visão. Segundo Simplício (2010) “Viver a experiência visual é ter a Língua de Sinais como mecanismo de percepção de apreensão de conceitos que constrói o seu universo cultural” (p.2). A cultura dos surdos também se caracteriza como “mística e híbrida”, pois não está isolada de outras culturas, das quais recebe influência, interage e evolui na mesma proporção do pensamento humano, coloca a autora Silva (2010, p. 274).

Para entender melhor a comunidade dos surdos é preciso saber que há várias identidades surdas, de acordo com Silva (2010) a construção da identidade surda sempre impera a identidade cultural, ou seja é como um ponto de partida (pag. 275) A **identidade surda híbrida** é composta pelos surdos que nasceram ouvintes e tornaram-se surdos, conhecendo o português falado. A **identidade surda flutuante** pertence aos surdos que tem ou não consciência de sua surdez, ficando entre as duas comunidades: surda e ouvinte. Dessa forma o surdo flutuante prejudica sua comunicação tanto na língua portuguesa quanto na LIBRAS. A **identidade surda embaçada** pode ser considerada a mais cruel, pois nela o indivíduo surdo está completamente inserido na comunidade ouvinte, tendo seus comportamentos, vida e aprendizado determinados pela cultura falada. O surdo é ainda privado de aprender a língua de sinais, desconhecendo-a. Além de ser considerado incapazes, deficiente e até retardados. Já na **identidade surda de transição** os surdos fazem parte da comunidade ouvinte, geralmente os pais são ouvintes, e conhecem a comunidade surda tardiamente sendo necessário passar por um processo de “desovintização” – rejeição da representação da identidade ouvinte. Há ainda a **identidade intermediária** é representada por aqueles que apresentam uma porcentagem de surdez, mas fazem uso de aparelhos de audição, não precisam de intérpretes e nem se identificam com seus pares semelhantes. Por isso têm uma identidade confusa, já que não são surdos, nem ouvintes. (SÁ, 2001 apud SILVA, 2010 p. 275 e 276).

Sendo a língua de sinais a característica elementar que identifica os surdos na “cultura surda”, dentro

da cultura de língua oral-auditiva a qual estão inseridos, esta torna-se uma subcultura que precisa de adequações à normalidade (SILVA, 2010, p.274). É muito comum que pessoas ouvintes se compadeçam de um grupo de surdos que conversam através de LIBRAS num ponto de ônibus. Nem imaginam elas, que eles contam histórias, piadas, paqueram e se divertem à vontade. Este olhar de compaixão para o ouvinte e o não reconhecimento da cultura surda, pode ser a fonte da intolerância na relação entre o surdo e o ouvinte. Segundo Sá (2006) 'normalizar' entende-se por "atribuir a uma identidade específica todas as características possíveis em relação às quais outras identidades são avaliadas de forma negativa, considerando que existe uma identidade eleita como 'a melhor', a correta, a perfeita." (p.02). "O ouvintismo que toma como referência de 'normalidade' o modelo ouvinte contribui sobremaneira para a imposição deste padrão sobre os surdo(as)" afirma Buzar (2012, p.56).

Ainda de acordo com a autora Sá (2006), esta tentativa de normalização do surdo é fruto da negação da cultura surda "cujo objetivo socialmente valorizado passa a ser: tornar os surdos 'aceitáveis' para a sociedade dos que o ouvem [...]" (p.05). É nesse sentido que nasce uma relação de poder entre ouvintes e surdos, onde a cultura dominante da oralidade oprime e exclui os que não se comunicam através da fala, deixando-os à margem da sociedade. Foucault (1979) chama este tipo de poder de "poder disciplinar" em sua atuação as disciplinas sustentam-se em torno de um discurso de saberes e poderes que fabricam aparelhos de coerção com o objetivo de modificar o corpo do outro através de um poder dominador. "As disciplinas veicularão um discurso que será o da regra [...] o da regra 'natural', quer dizer da norma [...] o da normalização" (p.106) Estes discursos passam a ser difundidos através de instituições, associações, grupos religiosos e até congressos de maneira que estes 'corpos' passam a ser fiscalizados, observados, relatados, medidos e controlados com objetivo que se tornem dóceis e úteis é o coloca Buzar (2012, p.50).

Sá (2006) aponta ainda duas formas de negação da cultura surda, uma delas é achar que todos os surdos são iguais, outra é considerar que todos são iguais à cultura que os cerca, com a exceção de não poderem ouvir. "Assim a possibilidade da diferença é silenciada" (p.5), coloca a autora. Segundo Owen Wrigley (1996) a grande dificuldade das pessoas reconhecerem a existência da cultura surda é devido ao fato de a maioria delas basearem-se no 'universalismo' "[...] alimentados pela noção de que os seres humanos compartilham propriedades comuns". Já para Skliar (1998) estas pessoas "pensam que nada há fora de sua própria referência cultural, então entendem a cultura surda como uma anomalia, um desvio, uma irrelevância" (*apud* SÁ, 2006, p.5). A intolerância à alteridade do outro é um passo para a violência, e é na negação da cultura surda faz com que o *Bullying* torne-se um fenômeno presente na vida dos indivíduos que compõe esta comunidade, como veremos mais adiante.

3. INTERSECÇÃO ENTRE BULLYING E SURDEZ

Como já foi descrito anteriormente, para a autora Fante (2005) "*Bullying*" é o termo em inglês, utilizado em vários países, que se refere ao desejo consciente e deliberado de maltratar uma pessoa e coloca-la sob tensão, gerando comportamentos agressivos e de exclusão (p. 27). Este fenômeno pode ser compreendido como um subconjunto de comportamentos agressivos, caracterizado por sua ocorrência repetitiva e em desequilíbrio de poder (p.28). Desta forma o *Bullying* é um "comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes convertem os mais frágeis em objetos de diversão e prazer, através de 'brincadeiras' que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar." (p.29).

Neto (2005, p.165) define o termo "violência escolar" como todos os "comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, etc." Ainda segundo este autor "o *Bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento da criança ou adolescente com violência. Desta maneira percebemos o quanto às crianças e jovens surdos estão susceptíveis às agressões praticadas por seus colegas durante a fase escolar, o que

chega a afetar sua saúde e autoestima. Lopes afirma ainda que os que não gostam da escola podem apresentar sintomas como: sentimentos de insatisfação com a vida, baixo desempenho e ainda comprometer a saúde física e emocionalmente. Isto justifica os sentimentos depressivos mencionados pela maioria dos surdos entrevistados, incluindo a “vontade de morrer”, ao relacionar algumas palavras com o *Bullying*.

É considerado “alvo” de *Bullying* o aluno exposto, de forma repetida e durante algum tempo, às ações negativas, perpetradas por um ou mais alunos. Já as “ações negativas” são as situações em que alguém de forma intencional ou repetida, causa dano, fere ou incomoda outra pessoa. O alvo do *Bullying* tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com vergonha, medo, depressão e ansiedade. (NETO, 2005, p.167). Todas estas características foram identificadas na maioria depoimentos que ouvimos, em alguns casos de maneira mais evidente e clara nas respostas, já em outros de um jeito um pouco mais tímido, mas o preconceito e as “brincadeiras” pejorativas quanto à diferença dos surdos em sua forma de se comunicar, além de outras diferenças naturais como o fato de ser preto, magro e até ter espinhas, “alvo” de *Bullying*. Isto não quer dizer que o próprio indivíduo seja responsável pela agressão sofrida, de maneira alguma. O fato é que as características mencionadas acima, fazem deles um “alvo” como bem definiu Neto. O problema maior está na difusão da ideia hegemônica de que os surdos precisam ser “curados”, enxergando sua diferença apenas através do olhar clínico, na esfera patológica. Esta ideia é transmitida na sociedade chegando à mente das crianças e adolescentes que não aprenderam ainda a lidar com a alteridade do outro. Assim, a intolerância permeia os relacionamentos destes, que fazem do próximo e suas diferenças um “alvo” de “ações negativas”. Desta maneira, desde a infância e adolescência compõe-se o cenário do *Bullying* contra os surdos.

1. Método

Através de uma entrevista semiestruturada e o uso de fotografias na função modelo, jovens universitários compartilharam suas experiências no que se refere à intolerância ao fato de serem surdos, expressando seus sentimentos e estratégias de enfrentamento. Através deste instrumento o nosso principal objetivo é conhecer os principais recursos psicossociais deste grupo no enfrentamento ao *Bullying* sofrido. Além disso, pretendemos também identificar os principais tipos de agressões; identificar as principais consequências do *Bullying* e conhecer as principais estratégias de enfrentamento das vítimas.

4.1 Participantes

A amostra foi constituída por oito homens e duas mulheres entre 18 e 30 anos, escolhidos a partir da afirmação prévia de já terem sido vítimas de *Bullying* pelo fato de serem surdos. Antes de começarmos a entrevistar o participante, foi lhes assegurando o sigilo do seu depoimento, contendo as informações detalhadas referentes a esta pesquisa, bem como os contatos dos responsáveis pela mesma, obedecendo às orientações a cerca do Processo de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecido conforme os incisos IV, V, X, XXII do Capítulo I, 2º Artigo e do Capítulo III da Resolução nº 510 de 07 de Abril de 2016. Além disso, utilizamos nomes fictícios para nos referirmos a cada entrevistado, no momento da análise de conteúdo das respostas, garantindo a restrição da identidade dos participantes.

4.2 Instrumento e Procedimento

Foi utilizada a entrevista semiestruturada que teve como característica principal a formulação de questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam com o tema da pesquisa, sendo necessários para atingir seu objetivo.

Neste sentido, as perguntas elaboradas para a entrevista semiestruturada desta pesquisa seguiram uma sequência lógica que possibilitasse a correlação dos fatos na experiência dos entrevistados e a posterior análise temática do pesquisador. Inicialmente o roteiro versava questões de evocação acerca da palavra Bullying do tipo: “quando sinalizo a palavra Bullying, quais as três primeiras palavras que vem a sua mente” perguntamos sobre a frequência de ocorrências das agressões, bem como os tipos de agressões ao qual eram mais submetidos. As demais questões foram relacionadas ao sentimento das vítimas ao sofrer o Bullying, as estratégias que encontraram para enfrenta-lo, às pessoas com quem puderam contar para defendê-los ou não, ao sentimento e reação das vítimas ao verem outros colegas sofrerem Bullying, às consequências psicológicas das agressões e de que maneira sua saúde e autoestima foram afetadas (roteiro de entrevista no anexo II). As entrevistas foram realizadas individualmente e tiveram duração média de 20min.

1. Análise de Dados

Para analisar dos dados recolhidos nas entrevistas, utilizamos a Análise de Conteúdo de Bardin (1977) e desenvolvemos a análise na modalidade categorial temática, ou seja, a partir das principais opiniões e crenças apresentadas nas respostas, determinamos unidades de sentido que foram agrupadas em uma mesma categoria. Em seguida, fizemos uma pré-análise do material, depois uma exploração dos dados e por último obtivemos as inferências dos resultados.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 Relatos de experiências de surdos (as) vítimas de Bullying

Buscando atender os objetivos iniciais desta pesquisa, definimos as seguintes categorias temáticas: a) Representações acerca do Bullying; b) Principais contextos e frequência das agressões aos/as surdos/as; c) Consequências do Bullying na vida dos surdos/as; d) Estratégias de enfrentamento do Bullying.

A primeira categoria **Representações acerca do Bullying** diz respeito às concepções do que venha a ser o “Bullying” para os entrevistados, desde a ideia imediata que vem a sua mente, até as tentativas de justificar a ocorrência deste fenômeno. Quando perguntamos aos surdos “Quando sinalizo a palavra Bullying, quais as três primeiras palavras que vem no seu pensamento” Obtivemos as seguintes principais respostas: violência, preconceito, desprezo e opressão.

As principais representações (concepções, crenças e opiniões) dos entrevistados revelaram a presença marcante do Bullying verbal, ou seja, os relatos evidenciaram a ocorrência de zombarias, insultos e provocações. Bem como, são destacados: a violência, o medo e a opressão; que podem ser tanto de ordem física quanto psicológica, através de humilhações, críticas e diversas consequências ocasionadas na vida dos surdos vítima de Bullying. Além disso, percebemos através da evocação da palavra “desprezo” que as relações sociais desses indivíduos foram afetadas/limitadas em decorrência do Bullying que eles vivenciaram, impedindo assim a sua inclusão social.

Quando perguntamos aos entrevistados surdos acerca das razões pelas quais as pessoas cometem Bullying contra as outras, algumas respostas se referiram a intolerância da diferença entre os seres humanos e a falta de conhecimento da diversidade, inclusive cultural e étnica, que acaba gerando o desrespeito e o preconceito. Vejamos isto no seguinte extrato: “É falta de conhecimento, de orientações, até mesmo na casa, os pais eles não são claros, sobre a diferença” (JUNIOR). Podemos perceber neste depoimento que o entrevistado direciona a responsabilidade da conscientização acerca das diferenças aos pais, à família, ou seja, à formação inicial da criança. Mas sabemos que está é também uma responsabilidade não só dos pais, dos responsáveis ou professores, mas de todos nós que de certa forma, influenciemos o comportamento das próximas gerações através do

nosso.

O sentimento de superioridade de um grupo contra outro, seja de ouvintes contra surdos ou vice-versa, também foi mencionado como um dos principais motivos. Vejamos: “Eu acho porque se acha superior ao surdo ou o surdo também muitas vezes acha superior ao ouvinte, ele acha que é inteligente né, ele ver o grupo, então o outro grupo não é inteligente aí separa.” (MARTA).

Outros entrevistados não souberam explicar, justamente por não compreender quais seriam as justificativas das agressões que caracterizam o Bullying, considerando sua principal motivação apenas o “sentimento de maldade” das pessoas que o praticam. Porém, esse sentimento pode ser substituído por respeito às diferenças através da conscientização acerca da diversidade entre os indivíduos, a começar na família, em seguida na escola.

Na segunda categoria “**Principais contextos e frequência das agressões aos/as surdos/as**”, como o título já propõe, iremos destacar os principais contextos ou locais onde o Bullying é mais frequente, bem como os tipos de agressões sofridas e mencionadas pelos entrevistados.

Geralmente as agressões começam cedo, durante a infância, pois é justamente na vivência diária da escola que a criança entra em contato com outras, a qual podendo se diferir ou assemelhar-se aos demais. Segundo Cantini (2004, p.21) a criança pode se diferir em costumes, posturas, características pessoais ou interesses, ao mesmo tempo em que pode se assemelhar em necessidades, anseios, capacidade de sentir e se desenvolver. Por isso durante a infância e adolescência o bullying é mais frequente.

Os surdos que entrevistamos afirmaram ter sofrido bullying “várias vezes”, “às vezes” e “sempre”. Mas ao responder outras perguntas, eles esclareciam que a situação descrita ocorreu “no passado” o que mostra que na fase adulta o Bullying é menos frequente ou até mesmo inexistente. Vejamos alguns depoimentos:

“Palavras ofensivas escreviam coisas ofensivas ou desenhavam pra me mostrar, por maldade, pra manganhar de mim, várias coisas [...] ou até gestos mesmo de zombaria que faziam contra ele” (CARLOS).

“Queriam ficar batendo, tocando, às vezes batiam de maneira forte no braço dele, ele não entendia o porquê. Em alguns tipos de brincadeira como jogando bola, ficavam empurrando ele” (CLÁUDIO).

A maioria dos entrevistados afirmaram ter sofrido Bullying dentro e fora da escola, sendo esta instituição do tipo inclusiva, ou seja, para ouvintes e surdos ou apenas para surdos. O tipo de Bullying relacional, caracterizado pela exclusão ou negação da afetividade ao indivíduo é mais comum durante a fase da puberdade, onde as pessoas passam a buscar novos relacionamentos sociais, além dos laços familiares. Por isso, nesta fase, este tipo de agressão acaba sendo muito prejudicial à saúde de quem o sofre. Em proporções percentuais, cerca de 75% dos entrevistados afirmaram ter sido vítima de agressões psicológicas durante a infância, devido à surdez. E a metade do grupo, ou seja, 50% sofreram agressões físicas além de já terem presenciado cenas de violência com outros colegas.

Isto demonstra que as relações interpessoais vivenciadas por crianças, adolescentes e jovens surdos, são em sua maioria violentas. Como vimos nos depoimentos, estas são permeadas por ações de agressões verbais, psicológicas e físicas, que costumam ocorrer no contexto escolar durante a infância e a puberdade.

Este fato nos alerta para a importância de buscarmos medidas significativas que combatam o Bullying e todas as suas formas de agressão, sobretudo no ambiente escolar. Permitindo que o aluno surdo tenha assegurado direitos como: integridade física e emocional, acesso a educação e o exercício

pleno da cidadania.

Na categoria “**Consequências do Bullying na vida dos/as surdos/as**” iremos analisar as consequências, principalmente psicológicas, geradas na vida do surdo. Segundo Lopes (2005) as consequências do Bullying variam desde uma baixa autoestima, estresse, agressividade, dores epigástricas, cefaleia, depressão e até o suicídio. Nos casos que estamos analisando as principais consequências identificadas foram psicológicas, causando sentimentos negativos, solidão, isolamento e até vontade de morrer nas vítimas de Bullying devido à surdez. Diante das situações de agressão, as vítimas sentiam tristeza, aflição, frustração, nervosismo, ansiedade, tremores e choravam muito. Vejamos algumas declarações:

No passado sim, isso me trazia problemas negativos pra minha saúde, pra mim realmente provocava muita coisa, muitos sentimentos negativos (João). Quando eu sofria Bullying de fato isso me causava internamente uma grande aflição, eu sentia aquele sentimento de vingança [...] era como se dentro de mim mudasse pra ser uma pessoa mau, a vontade de ser mau (Marcos).

O isolamento, a solidão e a depressão são consequências frequentes na vida de quem sofre Bullying. “Ficar só” às vezes é melhor do que estar entre amigos e familiares, longe das críticas e das confusões, causadas por quem não compreende a diferente necessidade de comunicação dos surdos através da LIBRAS, é o que coloca um dos entrevistados.

A inferiorização partida da pessoa ouvinte também é uma marca do preconceito contra o surdo. Isso faz com que a pessoa sinta-se desvalorizada e menos amada pelos que estão a sua volta, pois elas percebem o quanto são tratadas diferentes no meio social, seja na escola, em casa ou em um passeio na rua. Um dos jovens disse ainda que “não se sente estimulado” a sair com a família e amigos, preferindo ficar só. Outra jovem disse que quando sofria Bullying ficava deprimida. Um outro rapaz disse ainda, não sentir-se valorizado pelas pessoas.

“A autoestima é uma avaliação que o indivíduo efetua e comumente mantém em relação a si mesmo”, (ROSENBERG, 1989 apud BANDEIRA, 2009) ou seja, a autoestima é definida a partir de uma avaliação intrapessoal e para Coopersmiht (1989 apud BANDEIRA 2009) “o ponto fundamental da autoestima é o aspecto valorativo” onde os juízos de valor são estabelecidos pelo próprio indivíduo, que irá julga-se capaz ou incapaz, habilitado ou inabilitado, sucedido ou fracassado, diante das situações que encara no seu contexto social e relacional. Vejamos as seguintes falas para analisar a autoestima dos entrevistados, no período em que sofreram Bullying:

No passado já me prejudicou sim, as zombarias me fazia ter acnes, ele tinha vontades por exemplo de paquerar ouvintes mas parecia que eu era inferiorizado (MARCOS). Tem prejuízo sim, parece por exemplo que a gente não tem amigo, não tem em quem confiar [...] (MARIA). As pessoas tem muito, elas sentem muito depressão porque a família, o amigo não tem essa ajuda né. É melhor ficar só (MARTA).

Na nossa pesquisa de campo, todos os surdos entrevistados afirmaram ter sua autoestima afetada, como consequência das agressões verbais, psicológicas e físicas que sofreram. Segundo Mruck (1998 apud BANDEIRA 2009) a autoestima está relacionada à saúde mental e ao bem-estar psicológico, e a sua carência está relacionada a alguns fenômenos mentais negativos. Logo, todos os sentimentos e comportamentos descritos pelos entrevistados caracterizam uma autoestima afetada. Porém todos eles declararam ter alcançado superação, recuperando sua autoestima. Diante disso, veremos mais a frente quais foram suas estratégias de enfrentamento diante do Bullying.

A última categoria diz respeito às “**Estratégias de enfrentamento do Bullying**”, segundo as definições de Bullying já colocadas anteriormente, uma de suas principais características é a impossibilidade de defesa das vítimas. Por esta razão, percebemos que a maioria das vítimas buscavam estar na companhia de pessoas ou de grupos que pudessem ajuda-los, já que a sua defesa era limitada. Observe os extratos a seguir:

“Sempre eu me juntava com os meus grupos que podiam também me ajudar”. (RAUL)

“Quando as pessoas ficavam contra ele [...] ele ficava na dele, não respondia nada. A pessoa ficava xingando, falando coisas ruins para ele, mas ele estava na dele ele não respondia nada. Depois ele dizia: não desculpa, eu tô atrasado e saía. Se retirava do local”. (CARLOS)

Nesta tentativa de defesa, sobretudo no contexto escolar, onde geralmente o Bullying é mais frequente, os professores costumam fazer o papel de defensor da vítima do Bullying, nesse caso dos alunos surdos. Muitos professores tentam de alguma maneira fazer a inclusão dos mesmos em sala de aula, o que torna-se muito difícil, considerando o não uso da LIBRAS como forma de comunicação oficial. Algumas escolas de regime inclusivo dispõem de intérprete em sala de aula, o que faz total diferença no aprendizado da criança surda, mas ainda assim ela não deixa de sofrer o Bullying praticado pelos colegas nos corredores.

Através dos relatos, percebemos também que geralmente as famílias levam a sério a diferença da surdez, embora nem sempre deem a atenção necessária ao surdo, buscando, por exemplo, aprender a Língua Brasileira de Sinais para se comunicar-se melhor com ele (a), o que afeta sua relação com seus familiares mais próximos, como pais, irmãos e demais parentes.

Como estratégia para superar as consequências do Bullying sofrido, todos os entrevistados mencionaram a aprendizagem da LIBRAS como uma etapa fundamental no seu processo de socialização e de afirmação da sua identidade surda. Alguns deles colocaram ainda a importância do acompanhamento profissional de psicólogos ou psiquiatras, outros, porém, atribuíram o seu desenvolvimento ao próprio amadurecimento pessoal.

Vejamos neste depoimento, como são colocadas as estratégias de enfrentamento do Bullying, por este entrevistado:

É, eu busquei sempre é, trabalhar isso no futuro. Entendeu Então eu precisava eliminar essas coisas dentro de mim. Como eu pensava que eu iria iniciar uma vida pessoal, eu precisava me comunicar para resolver minhas coisas pessoais. E até estudar em uma universidade, até onde eu cheguei. Eu tive dificuldade, mas quando eu vi a realidade das situações eu precisei tirar isso de mim, e eu vi que tem pessoas que não falam e eu tive curiosidade de querer entender a pessoa, de querer me comunicar com a pessoa através de gesto. Eu pensei em mim, eu não falava direito, eu tive que aprender alguma coisa. E eu vi também que no mundo existe muita diferença, que não era só em mim [...] Entendeu É isso que eu fui trabalhando, eu conversei, eu li na sala, na universidade eu tô perdendo esse medo, eu apresento seminário, eu conversei com todo mundo (EDUARDO).

Do grupo dos entrevistados o participante citado acima era o mais oralizado, porém ele utilizava LIBRAS para se comunicar com alguns professores e colegas da turma, na universidade. Isto reforça a ideia de que a LIBRAS é um marco na identidade da comunidade surda, funcionando não apenas como uma língua, mas um instrumento de fortalecimento cultural do grupo. Vimos também que a realidade de outras pessoas com maiores dificuldades no círculo de convívio ao redor do entrevistado,

o sensibilizou para superar suas limitações. “Eu vi também que no mundo existe muita diferença, que não era só em mim [...]” esse olhar, reconhecendo a alteridade do outro é fundamental para que os indivíduos se identifiquem através das diferenças e semelhanças que possuem.

Portanto, como pudemos perceber as estratégias de enfrentamento do Bullying vivenciadas pelos entrevistados surdos, são construídas tanto a partir da defesa, através de alguém ou de um grupo, quanto a partir da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais que irá fortalecer a identidade do indivíduo surdo e a sua socialização. Porém, ainda se faz necessário que este enfrentamento ocorra de maneira coletiva, através do empoderamento da comunidade surda e da luta dos órgãos e movimentos sociais que representam esse grupo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Bullying seja um conceito amplamente discutido, a intersecção entre Bullying e Surdez é um tema que chega à academia para ser pesquisado, possibilitando a identificação deste fenômeno violento e desmistificando o preconceito em relação ao indivíduo surdo e o reconhecimento da sua cultura.

Através desta pesquisa percebemos que de fato, o Bullying é uma realidade na vida das crianças e adolescentes surdas que frequentaram a escola, inferindo-se que há uma maior ocorrência do Bullying verbal, do qual todos os entrevistados foram vítimas, através de zombarias, insultos e provocações. Além disso, 75% afirmaram já ter sido vítima de agressões psicológicas e a metade do grupo, ou seja, 50% sofreram agressões físicas ou já presenciaram cenas de violência com outros colegas surdos, o que trouxe graves consequências psicológicas para suas vidas.

Mas, vimos também que esta realidade é possível de ser superada através das estratégias de enfrentamento pessoais e coletivas, sobretudo quando o indivíduo surdo aprende a Língua Brasileira de Sinais e reconhece sua identidade surda, socializando-se através dela. Assim, percebemos o quanto a valorização da Cultura Surda é importante, devendo ser reconhecida como parte da nossa cultura e não como uma cultura subalterna, mas proporcionalmente importante a todas as outras culturas que compõem o cenário sociocultural do nosso cotidiano.

Esperamos ter contribuído de maneira relevante para esta área do conhecimento científico, sobretudo no que diz respeito à questão da Violência, do Bullying e da Surdez. Continuamos nutrindo a expectativa de ver a população surda engajada em prol da conquista dos direitos que garantam o seu pleno desenvolvimento pessoal, social e intelectual de maneira saudável, igualitária e livre de violências.

7. REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Cláudia de Moraes. **Bullying: Autoestima e diferença de gênero**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul. 2009.

BARDIN. Laurence. **Análise de Conteúdo**. Persona. França. 1977.

BRASIL. Lei nº 10.436. **Língua Brasileira de Sinais**, de 24 de abril de 2002.

BRASIL. Lei nº 13.146. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**, de 06 de julho de 2015.

BUZAR, Francisco José Roma. **Interseccionalidade entre raça e surdez: A situação dos surdos (as) negros (as) em São Luís-MA**. Universidade de Brasília, Dissertação (Mestrado em Educação), Brasília-DF. 2012.

CANTINI, Nilza. **Problematizando o Bullying para a realidade brasileira**. Tese (Doutorado em Psicologia) Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo. 2004.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a Paz**. 2º Ed. Campinas SP: Verus, 2005.

LEÃO, Letícia Gabriela Ramos. **O fenômeno bullying no ambiente escolar**. Faculdade Cenecista de Vila Velha. Nº4, Jan/Jun 2010.

KOLLER, Sílvia Helena. SILVA, Lucas Neiva. **O uso da fotografia na pesquisa em Psicologia**. Estudos de Psicologia, 2002.

SÁ, Nídia Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Maria do Socorro E. Da. **Um olhar sobre a identidade surda**. Fórum Nacional de Crítica Cultural 2. Educação Básica e cultura: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos. 2010.

SILVA. Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**. Cartilha 2010 – Projeto Justiça nas Escolas. Conselho Nacional de Justiça. Brasília DF. 2010.

SIMPLÍCIO. Valéria. **“Os Surdos”: Sujeitos de uma Cultura própria num espaço Multicultural IV** Fórum Identidades e Alteridades: Educação E Relações Etnicorraciais. Itabaiana SE. 2010.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

LOPES NETO A. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria*—vol.81, Nº5, 2005.